

TÉCNICAS DE TRABALHO

Resumir

“Resumir um escrito significa criar um novo escrito mais sucinto, que do primeiro só utiliza as informações mais importantes.”

Maria Teresa Serafini

“O resumo não é uma análise crítica nem um comentário do texto, mas também não é uma redução mecânica proporcional. Nele o estudante tenta estabelecer o difícil equilíbrio entre a fidelidade absoluta à sua fonte e determinada autonomia pessoal que escolhe e distingue entre o que é importante e o que é secundário.”

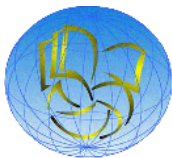
Adelino Torres

Como os esquemas são muito sintéticos, há quem defenda que o resumo é mais aconselhável. Deves notar que são ligeiramente diferentes e que nem sempre cumprem funções idênticas. Há uma diferença essencial que salta à vista: o esquema é muito mais visual e o resumo é sempre discursivo. Numa linguagem diferente: o esquema é um esqueleto do texto; o resumo é uma contracção ou condensação de um texto.

Professores e professoras pedem muitas vezes esta tarefa aos alunos e às alunas porque conhecem por experiência própria as vantagens que ela representa. Mas resumir um texto nem sempre é uma tarefa fácil. Quando resumimos um texto, temos de partir do princípio que encontramos sentido nesse texto. Caso contrário, nunca faremos um resumo de qualidade. Mas isto não é fácil como defende o texto seguinte:

“Que um texto tenha um sentido (em geral, ponhamos de parte os textos vazios de sentido à força da chateza, como as mensagens publicitárias ou aqueles que foram assim voluntariamente escritos) é uma evidência experimental. Onde está esse sentido? No texto? Como é possível então que leitores diferentes encontrem sentidos diferentes? Se ele não está no texto, então sou eu que aí o ponho ao ler. Como é possível que leitores diferentes possam encontrar o mesmo sentido? Mas esta questão é menos difícil: nós aprendemos a ler ao pé dos mais velhos. Já disse que se podia explicar a multiplicidade de leituras do mesmo texto considerando que o sentido resulta do texto e do contexto cultural daquele que lê. Conhecimentos gerais diferentes, opções filosóficas ou religiosas diferentes provocarão leituras diferentes. Mas é ainda mais verdadeiro quando sou eu a pôr o sentido: a quem não aconteceu ainda encontrar num texto o sentido que ele tinha desejo de aí ver?

Sou eu que ponho o sentido no texto que leio. Mas não posso pôr nele o que quer que seja, o texto existe. O autor escolheu as palavras, e se ele pôs aquela, é que outra não teria convindo. (...)



Acontece-me ler e não compreender. Acontece-me não achar as palavras. O liame entre a forma e o sentido não é de uma rigidez absoluta. Quando eu falo, o sentido está primeiro e eu busco as palavras para o exprimir. Quando eu leio, as palavras estão primeiro e eu busco o sentido delas. Eu creio que é preciso manter as duas realidades ao mesmo tempo, ligá-las intimamente, mas não confundi-las e não reduzir uma à outra.”

Jacques Arsac, *A Ciência e o Sentido da Vida*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, pp. 252-253

De uma forma muito sintética, podemos dizer que há dois tempos importantes na elaboração do resumo: compreender o texto e reelaborar o texto construindo o resumo.

Na elaboração de um resumo, há coisas que parecem elementares mas que te podem ajudar imenso. Assim, debes considerar como **passos mais importantes** os seguintes:

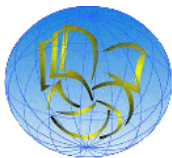
1. Em primeiro lugar, é preciso ler, com muita calma, todo o texto, procurando compreendê-lo na sua globalidade. Após esta primeira leitura, estás em condições de **formular perguntas** deste género:

- ⇒ Quem diz?
- ⇒ O que diz, ou o que defende?
- ⇒ Quantas partes tem o texto?
- ⇒ Do que trata cada parte do texto?
- ⇒ Qual é a opinião do autor do texto?

2. Podes fazer, em seguida, uma leitura mais aprofundada do texto, **sublinhando / destacando**:

- ⇒ a resposta às perguntas; as ideias principais;
- ⇒ os dados técnicos;
- ⇒ os pormenores que pareçam importantes;
- ⇒ as palavras que fazem a ligação entre as diversas partes do texto, como por exemplo: por causa de; além disso; além do mais; sendo assim, assim sendo; por um lado; por outro lado; da mesma forma; seque-se que; conclui-se que; no entanto; por conseguinte; portanto; apesar de tudo; mas; mas também; etc.

3. Procura seguidamente fazer o resumo de cada parágrafo. (Normal mente, num texto bem elaborado, cada parágrafo apresenta uma ideia.)



4. Procura depois explicar a ti mesmo, em voz alta, o conteúdo do texto, vendo se há uma estrutura coerente, isto é, se o texto forma um todo.

5. Elabora, de seguida, o resumo propriamente dito. Deves ter em conta o seguinte:

- ⇒ a) O resumo deve ser breve e deve ser escrito como um texto normal. O bom resumo não ultrapassa normalmente um quarto ou um terço do texto inicial.
- ⇒ B) Procura que as ideias fiquem bem interligadas recorrendo aos conectores lógico-sintácticos.
- ⇒ c) Não debes comentar as ideias do autor. Deves ser rigoroso neste aspecto e podes recorrer a fórmulas deste tipo: o autor defende; segundo o autor; o autor afirma que; na opinião do autor...
- ⇒ d) Não te limites a repetir as frases do autor. Recorre à paráfrase, isto é, repete as suas ideias mas recorrendo a outras palavras. Quando tiveres de usar alguma expressão ou frase do autor (o que não é proibido!), debes colocá-la entre aspas.

Costumam apontar-se como **características centrais de um resumo** as seguintes:

Fidelidade e rigor – Ser fiel às ideias do texto. Evitar toda e qualquer deformação do pensamento do autor.

Selectividade – Deve escolher e centrar-se nas ideias principais sem divagar.

Clareza das ideias – Deve ser inteligível; não deve ser impreciso. Os factos, os dados, as ideias não podem ser expressos confusamente.

Repetição — Para um resumo ser coerente, é necessário que apresente (repita) no seu desenvolvimento linear todos os elementos importantes do texto em análise.

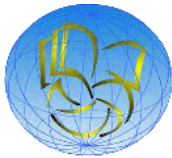
Não-contradição — Para que um texto-resumo seja coerente, é necessário que no seu desenvolvimento não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga qualquer conteúdo ou pressuposto do texto.

Originalidade e criatividade — Procurar traduzir os conteúdos numa linguagem original, pessoal, embora sem adulterar os pensamentos em análise. Ter em conta que resumir não é comentar, não é avaliar, não é emitir opinião.

Em conclusão:

Fazer resumos é uma estratégia fundamental, porque:

- ⇒ Facilita uma melhor compreensão e assimilação dos textos de qualquer matéria;
- ⇒ Permite que treines a tua capacidade de síntese; Exercita a tua capacidade de comunicar com mais rigor.

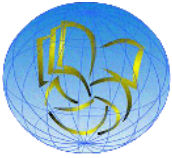


Exemplo de texto para resumir:

Título: Diferença essencial entre ciência e Filosofia

“Voltemos da novo a tentar especificar a diferença essencial entre **ciência e Filosofia**. A primeira coisa que salta à vista não é o que as distingue mas o que as assemelha: quer a ciência quer a Filosofia procuram responder a **perguntas** levantadas pela realidade. De facto, nas suas origens, ciência e Filosofia estiveram unidas e ao longo dos séculos a física, a química, a astronomia ou a psicologia se foram tornando independentes da sua matriz filosófica comum. Hoje em dia, as ciências pretendem explicar como é que as coisas foram feitas e como funcionam, enquanto a Filosofia se preocupa mais com o que elas significam para nós. Quando a ciência fala de qualquer assunto (mesmo quando estuda as próprias pessoas) deve adoptar o ponto de vista impessoal, enquanto a Filosofia permanece sempre consciente de que o conhecimento tem necessariamente um sujeito, um protagonista humano. A ciência aspira a conhecer o que há e o que acontece. A Filosofia reflecte acerca do que representa para nós o que sabemos que acontece e o que existe. A ciência multiplica as perspectivas e as áreas de conhecimento, isto é, fragmenta e especifica o saber. A Filosofia preocupa-se em relacionar esse saber com tudo o resto, tentando encaixar os saberes num panorama teórico que abranja a diversidade dessa aventura unitária que é pensar, isto é, ser humano. (...)

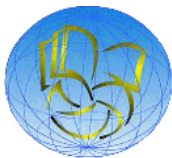
Em qualquer dos casos, quer as ciências quer as filosofias respondem a perguntas levantadas pelo real. Para essas perguntas as ciências oferecem soluções, isto é, respostas que satisfazem de tal modo a questão levantada, que a anulam e desfazem. Quando uma resposta científica funciona como tal, já não faz sentido insistir na pergunta, que deixa de ser interessante (...) Em contrapartida, a Filosofia não oferece soluções mas **respostas**, as quais não anulam as perguntas mas permitem-nos conviver racionalmente com elas embora continuemos a levantá-las várias vezes: por muitas respostas filosóficas que conheçamos, para a pergunta que se faz sobre o que é a justiça ou o tempo, nunca deixaremos de nos perguntar pelo tempo ou pela justiça nem rejeitaremos como ociosas ou “resolvidas” as respostas dadas a essas questões por filósofos anteriores. As respostas filosóficas não solucionam as perguntas do real (embora às vezes alguns filósofos assim pensem...) mas, pelo contrário, cultivam a pergunta, fazem sobressair o essencial dessa pergunta, e ajudam-nos a continuar perguntando, a perguntar cada vez melhor, a humanizar-nos na perpétua convivência com a interrogação. Porque, o que é o homem senão o animal que pergunta e continuará a perguntar para lá de qualquer resposta imaginável? (...)



Mas existe outra diferença importante entre ciência e Filosofia que não se refere aos resultados de ambas mas ao modo de chegar até eles. Um cientista pode utilizar as soluções encontradas pelos cientistas anteriores sem precisar de percorrer sozinho todos os raciocínios, cálculos e experiências que os levaram a descobrir essas soluções. Mas quando alguém quer filosofar não se pode contentar em aceitar as respostas de outros filósofos ou citar a sua autoridade como argumento incontroverso: nenhuma resposta filosófica será válida para ele se não voltar a percorrer por si próprio o caminho traçado pelos seus antecessores, ou tentar outro caminho novo apoiado nas perspectivas alheias que deverá considerar pessoalmente. Numa palavra, o itinerário filosófico deve ser pensado individualmente por cada um, embora partindo de uma tradição intelectual muito rica. Os sucessos da ciência estão à disposição de quem quer consultá-los, mas os da Filosofia só servem a quem se decida a meditá-los por si próprio. (...) Pode-se investigar cientificamente por outra pessoa, mas não se pode pensar filosoficamente por outra pessoa. (...) Talvez pudéssemos acrescentar que as descobertas da ciência tornam mais fácil a tarefa dos cientistas posteriores, enquanto os contributos dos filósofos tornam cada vez mais complexo (ainda que também mais rico) o empenho de quem se põe a pensar a seguir a eles. Provavelmente foi por isso que Kant afirmou não se poder ensinar Filosofia mas apenas ensinar a filosofar. Porque não se trata de transmitir um saber já concluído por outros que qualquer pessoa pode ficar a saber como quem aprende as capitais europeias, mas de um método, isto é, de um caminho para o pensamento, uma forma de olhar e de argumentar.

Fernando Savater, *As Perguntas da Vida, Uma Iniciação à Reflexão Filosófica*. Lisboa: Publ. D. Quixote, 2000, pp. 20-24

[Resumo do texto](#)



O objectivo do autor é enunciar as diferenças entre a Filosofia e a ciência, hoje separadas mas outrora unidas. Começa por referir o que as aproxima declarando que ambas, desde sempre, quiseram responder às perguntas levantadas pela realidade. Existem, no entanto, diferenças significativas:

- 1) As ciências querem explicar como é que as coisas foram feitas e como funcionam; aspiram a conhecer o que há e o que acontece; a Filosofia preocupa-se mais com o que elas significam para nós e reflecte sobre o que há e sobre o que acontece;
- 2) Na abordagem de qualquer assunto as ciências adoptam um ponto de vista impessoal; a Filosofia tem sempre presente o protagonista humano;
- 3) As ciências fragmentam e especificam o saber; a Filosofia tem uma visão unitária do conhecimento humano;
- 4) Quer a ciência quer a Filosofia visam responder às perguntas levanta das pelo real; mas a ciência procura oferecer soluções de modo a desfazer a pergunta; enquanto a Filosofia não oferece soluções mas sim respostas que provocam novas perguntas;
- 5) Enquanto um cientista pode usar sempre com proveito os resultados encontrados pelos seus antecessores, sem necessidade de percorrer todo o caminho, o filósofo só pode aceitar como sua uma resposta anterior desde que percorra o mesmo caminho, uma vez que o itinerário filosófico tem de ser percorrido individualmente,
- 6) Os resultados da ciência estão à disposição de quem queira consultá-los; os da Filosofia só servem a quem os medita; podemos investigar e continuar a investigação de outra pessoa; mas não podemos pensar filosoficamente por outra pessoa.
- 7) Pela natureza das investigações, cada sucesso da ciência facilita o caminho posterior; o contributo do pensamento filosófico torna as tarefas mais complexas e por isso, como afirmou Kant, não se ensina a Filosofia mas a filosofar; então, mais importante do que aprender um saber já feito (como acontece com a ciência) é aprender um método, uma forma de olhar e argumentar (como acontece com a Filosofia).